

Figueira da Foz, 1997

Carlos Próspero

O Rogério, que habitualmente faz de ponte de ligação entre os algarvios nesta altura de romaria, partiu na véspera para o Porto, em serviço; e foi deixando como mensagem "o Algarve reúne-se às 15 na bomba da BP em S.Marcos".

Faz-se a mala; ainda se dão as aulas da manhã: às 14.15 vou buscar o Taveira; aproximamo-nos da dita bomba com uns 10 minutos de avanço e vai crescendo a expectativa de encontrar já parte de um grupo amigos que se vê de 6 em 6 meses (ProfMat's e AlgarMat's).

Chegámos e... não está ninguém! Às três e um quarto, convencidos de que há algum desencontro, resolvemos arrancar; estava a chegar o Vítor com a Ana e a Cristina que ainda iam tomar um café. Apanhar-nos-iam à frente porque o Vítor (marido da Ana, ambos meus antigos alunos) é daqueles que passa tão depressa que a polícia nem o vê. Poucos quilómetros adiante, mais perto de S. Marcos, está a bomba da Galp e... estava desfeito o desencontro. Foram uns 5 minutos de confraternização, durante os quais passou o Vítor que, como adivinhámos, seguiu sem parar até à Figueira, perseguindo o velho professor. E nós lá fomos indo, a partir de certa altura debaixo de uma chuvada tal que por vezes nos sentimos como os velhos descobridores no meio de tanta água. Eram cerca de 8 da noite quando finalmente descobrimos a Figueira onde estava o motivo desta romaria que, uma vez por ano (já lá vão 12), arrasta cada vez mais fiéis por este País fora.

Primeira coisa a fazer: ir ao lugar santo (desta vez a Escola Secundária Dr. Joaquim de Carvalho) encontrar os primeiros amigos, levantar as



foto de Luís Brandão Faria

pastas, reconhecer o local. Depois, o primeiro jantar de confraternização e, finalmente, o local de pernoita.

De manhã, lá vamos iniciar o ritual. Mas o que é isto? São aos montes os profmatistas; acabo por saber que há 1597 inscritos. Daí a sensação, durante aqueles dias, quando se circulava na Escola, de estar em Tóquio ou qualquer outra cidade de milhões de habitantes. E eram tantos os que apareciam pela primeira vez (espero que tenham ficado convertidos); e eram tantos os jovens (Força! Que o ProfMat e a APM vão precisando sempre de sangue novo). Com dificuldade, lá se vão encontrando velhos amigos (amigos feitos em Encontros anteriores), o que é sempre uma festa difícil de explicar a quem nunca esteve num. A um ProfMat não se vai: um ProfMat sente-se, respira-se, vive-se.

Há colegas de outros grupos que dizem que exagero; até entendo que

os antigos, de que faço parte, vivam sensações diferentes, já que experimentaram Portalegre, Bragança, Faro, Viana do Castelo, com 220, 350, 400, 500 participantes; éramos ainda uma família nacional. A partir daí, a quantidade de pessoas que surge leva à formação de grupos regionais de tal forma que hoje já não se janta com o Mário de Portalegre ou a Ana de Bragança; apenas pode acontecer que, no mesmo restaurante, o Algarve encontre o Alentejo ou Trás-os-Montes. Ainda assim, vale a pena.

Quanto ao Encontro propriamente dito, também é natural que os "velhos" sintam saudades dos tempos em que se podia estar onde se queria; hoje, com tanta gente, há necessariamente muitas comunicações, conferências, painéis, sessões práticas ... em simultâneo e acontece com frequência haver momentos em que gostaríamos de estar em vários sítios.

Mas isso é o resultado do crescimento da APM que desde o princípio ambicionámos, é o resultado do êxito do ProfMat que sempre desejámos (o número de dinamizadores já rondou os 200). E porque está acontecendo o que quisemos, continuo a defender estes Encontros anuais que mantêm viva uma certa unidade entre colegas de várias zonas do País, que nos fazem sentir que em Beja, Cantanhede ou Setúbal (e até mesmo em Cabo Verde ou Moçambique, no Brasil ou nos E.U., em Inglaterra ou na vizinha Espanha) há quem tenha os mesmos problemas, há quem sinta as mesmas dificuldades, há também quem procure novos caminhos, novas soluções; e é assim que, quer numa sala onde decorra uma sessão ou se vê uma exposição, quer num corredor onde se encontra um colega, vamos trocando experiências, vamos conhecendo novas ideias, vamos, pelo menos, vendo formas diferentes de apresentar ideias velhas ou ainda,

vamos recordando coisas que tínhamos esquecido.

É este turbilhão que vale a pena manter porque nos faz sentir vivos, porque nos dá forças para continuar (aos velhos e aos novos). Dizia o José António Duarte nas suas breves impressões sobre o ProfMat 91, acerca do acto pedagógico:

Só que, bem diferente do actor de teatro que entre várias cenas e final recebe palmas, que o estimulam e equilibram emocionalmente,... Raramente ouvimos as palmas,... Raramente pedem bis.

Eu julgo que todos, em qualquer profissão, precisamos das palmas; as nossas "ouvem-se", às vezes anos depois, quando ex-alunos que não víamos há muito tempo nos cumprimentam com alegria, ou quando ex-alunos que vemos mais frequentemente nos tratam com carinho. O resto do calor de que precisamos para além das palmas que demoram, vimos buscá-lo ao ProfMat — às comunica-

ções, às sessões práticas, às conferências, à banca da APM, às bancas das editoras, às exposições, à hora do café ou à do convívio; por tudo isto, enquanto houver espaço, continuo a pedir que todos os anos surjam carolas dispostos a uma época de preocupações, de cansaças e de tantas mais coisas, para organizar mais um ProfMat. Mais um que terá sempre quem lhe aponte defeitos (não é difícil encontrá-los em obras humanas) mas terá sempre mais que lhe apontam qualidades e lhe encontram vantagens.

À Comissão Organizadora, pelo muito que nos deu, um MUITO FORTE ABRAÇO! Obrigado Figueira. *Gostámos de estar aqui!*

Para o ano, decerto antes das 15h, o Algarve encontra-se na bomba de S. Marcos.

Até Guimarães.

Carlos Próspero
Esc. Sec. João de Deus,
Faro

Seminário de Investigação em Educação Matemática (continuação da pág. 2)

Também a conferência proferida, no segundo dia de trabalhos, por Jeff Evans, da Middlesex University do Reino Unido e intitulada *Construindo pontes* foi bastante interessante. Nela foi abordado o processo de transferência da aprendizagem na escola para fora da mesma.

A questão da aplicação da Matemática escolar noutros contextos fora da escola, é importante para professores e alunos, mas também controversa. Segundo Jeff Evans, a transferência, ou seja, a utilização de ideias e conhecimentos num outro contexto, não parece estar garantida à partida, uma vez que a continuidade entre as práticas escolares e não escolares não é imediata. Além disso, por vezes a transferência é posta em risco por inter-relações entre o pensamento e a emoção, que levam a situações inesperadas em virtude da tendência da linguagem para assumir diferentes significados.

Para que a transferência ocorra é necessária uma tradução entre discursos através de uma atenção cuidada aos significantes, às representações e a outros elementos linguísticos comuns nos dois campos.

Embora as ideias apresentadas no decorrer da sessão pareçam apontar no sentido de se poder responder afirmativamente à pergunta: — Será a transferência possível? — outras questões foram surgindo durante o debate, tais como:

De que modo ocorre a transferência? Porque ocorre? Devemos ensinar Matemática ou ensinar Matemática "para a transferência"? Como desenvolvemos práticas pedagógicas que facilitem a transferência?

Questões sem dúvida ilustrativas do interesse despertado pela conferência e que até talvez venham a constituir tema de futuras conferências.

No que respeita às comunicações, apenas pude assistir a algumas, uma vez que decorriam em simultâneo, o que me obrigou por vezes a fazer escolhas difíceis.

Chamou-me particularmente a atenção a existência de sessões com temas comuns, que abordaram problemáticas inerentes à realização de actividades de investigação na sala de aula e ao trabalho cooperativo. Para além disso também foram apresentadas investigações relativas à aprendizagem de conceitos matemáticos e ao desenvolvimento profissional dos professores.

E claro, não posso terminar sem referir os momentos de convívio e de contacto informal, tão importantes nestes encontros, nomeadamente o que decorreu no Teimoso (o restaurante onde se realizou o jantar convívio do seminário).

Helena Rocha
Esc. Sec. Patrício Prazeres